

---

## População LGBTQ+, “pirraça” e empoderamento na comunidade quilombola do Cumbe, Aracati/Ceará

---

Ozaías da Silva Rodrigues<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste artigo discuto a presença de jovens e adultos LGBTQ+ na comunidade quilombola do Cumbe, localizada no município de Aracati/Ceará. O ser LGBTQ+ é complexo, possui diversas nuances e tons, bem como particularidades que só uma pessoa dessa população experimenta em sua socialização. A discussão que faço aqui deriva da minha tese de doutorado em Antropologia, sendo que o presente tema foi uma das questões investigadas durante a pesquisa de campo que fiz na referida comunidade entre os anos de 2022 e 2023. Trago imagens e relatos para enfatizar a presença de LGBTQs na comunidade, as tensões quanto à diversidade de gênero e sexualidade, as divergências geracionais e as demandas pessoais e coletivas.

**Palavras-chave:** População LGBTQ+; Cumbe; Comunidade quilombola; Sexualidade; Gênero.

---

<sup>1</sup> Doutor em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Email: ozhayasz@gmail.com.

## Introdução



Imagem 1 - Grupo de jovens e adultos LGBTQs do Cumbe (com exceção de 5 pessoas que não são da comunidade) posando para foto, com a bandeira LGBTQ+, Fortaleza (Autor/a não identificado/a, 2023).

Neste artigo discuto a presença de jovens e adultos LGBTQ+ na comunidade quilombola do Cumbe, localizada no município de Aracati/Ceará. O ser LGBTQ+ é complexo, possui diversas nuances e tons, bem como particularidades que só uma pessoa dessa população experimenta em sua socialização. A discussão que faço aqui deriva da minha tese de doutorado em Antropologia Social (Rodrigues, 2024), sendo que o presente tema foi uma das questões investigadas durante a pesquisa de campo que fiz na referida comunidade entre os anos de 2022 e 2023. Trago imagens e relatos para enfatizar a presença de LGBTQs na comunidade, as tensões quanto à diversidade de gênero e sexualidade, as divergências geracionais e as demandas pessoais e coletivas dessa população.

Apesar de enfatizar aqui a população LGBTQ+, gostaria de enfatizar que na escrita da tese as informações e entrevistas que mais utilizei foram dos/as interlocutores/as com os/as

quais mais convivi na minha estada em campo. No geral, minhas vivências no território do Cumbe se deram mais na companhia das mulheres da associação quilombola e minha percepção sobre os fatos em torno do Cumbe é tributária direta da percepção delas. Estando em campo, senti uma grande facilidade em me aproximar e me conectar mais com as mulheres do que com os homens, além de me sentir mais confortável com elas. Apenas com um quilombola consegui me aproximar mais, tendo ele se tornado meu amigo pessoal, talvez pelo fato de ser também LGBTQ+.

Essas considerações iniciais indicam, de forma sumária, as condições da pesquisa de campo e as relações desenvolvidas no mesmo. Uma discussão sobre as relações binárias de gênero e trabalho no Cumbe, por exemplo, faço na tese, pois aqui me debruço sobre os LGBTQs, entendendo que a presença das mulheres quilombolas cisheterossexuais na minha pesquisa foi igualmente importante na percepção que tenho do assunto, trazendo inclusive a fala de uma delas neste artigo. Uma das coisas que me surpreendeu positivamente, na minha primeira ida ao Cumbe, foi a presença explícita de LGBTQs na comunidade. Quando conheci o Cumbe eu não estava acostumado a ver LGBTQs numa comunidade quilombola e automaticamente fiz uma comparação da realidade do Cumbe com a de outra comunidade quilombola de Aracati, a comunidade do Córrego de Ubaranas.

No primeiro dia em que cheguei lá, enquanto conversava com Cleomar<sup>2</sup>, conheci Dandina logo de cara, uma travesti preta. Lembro que fiquei surpreso, pois a minha experiência com comunidades quilombolas, sobretudo com a do Córrego de Ubaranas, tinha me acostumado a pensar comunidades quilombolas no meio rural sem a presença afirmativa/explicita de LGBTQs. Uma conversa que tive com Cleomar, uma das principais interlocutoras da pesquisa, me confirmou essa impressão que tive: de que em Córrego de Ubaranas a presença LGBTQ+ nem é vista e nem afirmada. Diferente do Cumbe, onde as duas coisas acontecem, não sem tensões familiares, claro, mas essas tensões não obstam a afirmação da diversidade de gênero e sexualidade entre jovens e adultos LGBTQs.

Em 2022, depois de conseguir certa intimidade com Dandina, perguntei se algum dia ela gostaria de ser entrevistada para a minha pesquisa. Ela disse que sim, mas fui percebendo,

---

<sup>2</sup> Durante a pesquisa, com a exceção de duas interlocutoras, todas/os as/os outras/os, preferiram ser identificadas/os com seus nomes próprios. Para o caso dessa exceção foi acordado com a primeira interlocutora que a mesma fosse identificada com um outro nome, tendo aceitado o nome que sugeri: Dona Matilde, o nome da mãe do Dragão do Mar (Francisco José do Nascimento). Porém, quando a versão final da tese ficou pronta e Matilde a olhou, pediu que eu mudasse a sua identificação. Me comprometi a fazer essa alteração nas publicações que farei a partir do material da tese. Por isso, aqui, como em futuras publicações Dona Matilde assume o seu nome pessoal: Cleomar, que é pescadora, marisqueira, mãe, esposa, avó, artesã, ambientalista e defensora dos direitos humanos e uma das lideranças quilombolas da comunidade do Cumbe. Cleomar me recebeu em sua casa e por conta disso foi a interlocutora com quem mais convivi durante a estada em campo (Rodrigues, 2024).

ao longo do tempo, que ela estava se esquivando muito e desisti de entrevistá-la. Nos encontramos várias vezes nas várias festas<sup>3</sup> que ocorreram em fevereiro de 2022 e mantivemos contato assim, em encontros imprevistos, totalmente ao acaso. À medida que eu ia conhecendo mais de perto o cotidiano da comunidade, os/as LGBTs iam aparecendo nas narrativas ou à vista. O fato de eu ser um pesquisador LGBT+ facilitou esse processo de reconhecimento de outros LGBTs no Cumbe.

Basicamente, há pessoas trans (travestis e transexuais), gays, lésbicas, não-binárias e bissexuais na comunidade. Perceber essas presenças e ouvir a afirmação dessas identidades, só foi possível com a minha inserção no cotidiano da comunidade. Entre conversas informais e entrevistas, sempre havia alguém que falava de fulano e sicrano ser LGBT+ – não necessariamente com esses termos, claro. Certa vez Cleomar me contou da existência do Coletivo LGBT+ do Cumbe, que visa fortalecer a juventude quilombola LGBT+. Uma das lideranças na comunidade, que é João do Nascimento, mais conhecido como João do Cumbe, na introdução de sua entrevista a mim se afirmou gay. Camylla<sup>4</sup>, enquanto mulher trans, também fez sua afirmação na entrevista que deu junto com Dandara a mim – outra mulher trans negra, mas que não é da comunidade e que também desenvolveu pesquisa lá.

Ao longo da pesquisa de campo percebi que há duas dimensões desse pertencimento/ser LGBT+ no Cumbe: uma na qual a pessoa se entende como tal, é reconhecida socialmente como tal, mas não se afirma socialmente enquanto tal, sobretudo por essa sigla – LGBT+, deixando as especulações sobre sua sexualidade ou gênero no ar. E a outra, é a do pertencimento auto e heterorreconhecido, com a afirmação social do mesmo, como fazem João e Camylla, bem como outros/as jovens que aos poucos estão se afirmando LGBTs.

Percebi que nas festas regadas a álcool e som alto, alguns homens que performam ser cisheterossexuais, fazem tentativas de contato afetivo-sexual que fogem ao padrão heterossexual, como aconteceu comigo em algumas festas ou quando ouvi vários relatos do tipo. Assim, a minha percepção de comunidade quilombola foi totalmente subvertida pela minha experiência no Cumbe. Para quem estava acostumado com a calma e tranquilidade do Córrego de Ubaranas, o Cumbe foi um choque cultural considerável, quase como uma alteridade radical com a qual me deparei na pesquisa.

---

<sup>3</sup> As festas ensejam uma socialização importantíssima no Cumbe. Sobre isso ver Rodrigues, 2024.

<sup>4</sup> Camylla é uma jovem travesti, preta e graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Ceará.

## Ser LGBT+: entre o preconceito, a autoafirmação e a pirraça

Para aprofundarmos essas e outras questões, trago aqui a fala de Tia Simoa<sup>5</sup>. Contextualizo que a comunidade é permeada por conflitos internos entre quilombolas e não-quilombolas e é a partir desse contexto que Tia Simoa assim se pronuncia:

**Os preconceitos que dizem sobre a gente [não-quilombolas] é que os quilombolas são tudo vagabundo e a gente sentia isso muito na pele. Chamando também de sapatão, de viado, usavam muito esses termos pejorativos, que a associação vem com o intuito de ajudar aquelas pessoas que vem sofrendo preconceito, tanto pela sua cor... a gente acolhe aqueles que realmente necessitam, que estão ali, que hoje em dia muita gente não tem uma casa pra morar, não tem um trabalho e não é porque quer e é por essa situação de falta de oportunidade. A gente sabe que a oportunidade não é dada a todo mundo, de forma igual. A associação acolhe essas pessoas. Tem uns que são católicos, outros não, são ateus, mas se você for ver na história de Jesus Cristo ele não estava do lado dos ricos, ele tava do lado das pessoas necessitadas, dos oprimidos. E é esse o trabalho da associação, estar do lado dessas pessoas que mais precisam. E as “famílias de bem” fazem é excluir essas pessoas. O presidente [Jair Bolsonaro] faz essa exclusão, mas a gente já sofre com ela aqui, bem antes, lutando contra ela. Eu sei que ela vem lá do tempo de Cristo, essa exclusão, mas agora tá nítido com esse presidente aí. Mas a gente vem sofrendo esse tipo de preconceito, de exclusão, por você ser, principalmente depois que nos assumimos como quilombolas, “os quilombolas são isso e aquilo”. É um preconceito muito grande de você dizer que é um vagabundo, criminoso, que só tem gay, só tem sapatão, como se os gays não fossem gente. A gente busca dentro da associação estudar e falar sobre isso, como é que chama, qual é o termo certo para se referir ao gay, à lésbica, como querem ser chamados, isso e aquilo (Diálogo realizado em: 22/02/2022).**

Tia Simoa entende bem que há uma desigualdade de gênero e de sexualidade na nossa sociedade e que isso dificulta o acesso de LGBTs a direitos básicos. Ela identifica essa população como um grupo na comunidade que precisa ser acolhido e fortalecido pela associação quilombola. No contexto de sua fala, ela coloca os/as quilombolas junto com os/as LGBTs como grupos marginalizados socialmente. Os termos ‘sapatão’ e ‘viado’ com sentido pejorativo, por parte dos/as opositores/as dos/as quilombolas, se dá, entre outras coisas, pelo fato da associação ter entre seus/suas associados/as ou simpatizantes, alguns LGBT+.

Na afirmação de sua identidade quilombola os comunitários atraíram para si mais críticas e oposição, por agregarem em suas atividades, discussões e cargos, na medida do possível, as identidades LGBT+. Os/as opositores/as usam termos pejorativos referentes à sexualidade para tentar ofender os quilombolas e reforçar as críticas aos mesmos. Lembro

---

<sup>5</sup> Uma segunda interlocutora solicitou a mudança de sua identificação na tese e sugeri o nome de Tia Simoa, ao qual, após explicação de minha parte sobre essa personagem da história do Ceará, ela aquiesceu. Tia Simoa é mãe, pescadora, defensora dos direitos humanos e antes de conhecê-la eu já tinha ouvido falar bastante dela; era também uma das pessoas que eu mais queria conhecer na comunidade. Assim como Cleomar e Ana Paula, Tia Simoa virou amiga pessoal.

que João<sup>6</sup>, uma das lideranças do Cumbe, é declaradamente gay e penso que a afirmação que ele faz de sua sexualidade, enquanto liderança, tem o poder de uma representatividade importante para os/as jovens LGBTs do Cumbe.

Assim, a associação quilombola empreende ações de acolhimento e inclusão às mais variadas pessoas. Essa é uma característica da associação quilombola do Cumbe. As palavras de Tia Simoa enfatizam o trabalho interno de conscientização mínima, por parte da diretoria da associação e de inclusão da população LGBT+ em seus quadros e atividades. Discussões foram feitas no sentido da diretoria e dos/as associados/as se atualizarem, se desconstruírem e estar sempre aprendendo sobre o assunto. Os termos pejorativos usados pelos/as opositores/as tentam desumanizar e desqualificar a causa quilombola, que além de serem tudo ‘vagabundo’, referência à luta socioambiental e agrária, são tudo ‘viado’ e ‘sapatão’. Na verdade, os LGBT+ são minoria numérica dentro da associação, mas há ali um acolhimento, um esforço de inclusão efetiva, portanto, essa generalização serve apenas a uma desqualificação simplória.

Lembro que em uma das conversas que tive com Cleomar, o tema gênero e sexualidade surgiu, por parte dela. Como ela disse que não entendia tudo da sigla LGBT+, me ofereci para explicar um pouco, a partir do que ela já sabe do assunto. Ela me ouviu atentamente e tirou suas dúvidas lá na hora. Foi um momento bem interessante esse e me senti mais ainda confortável por perceber essa recepção e interesse de integrantes da diretoria da associação na temática da diversidade de gênero e de sexualidade. Enquanto antropólogo LGBT+ me senti realmente acolhido pela comunidade e as experiências posteriores que tive à essa conversa com Cleomar, me confirmaram esse sentimento.

Algo que percebi de início, mas que fui tendo certeza ao longo do tempo, é que a liberdade sexual é um dado da vivência na comunidade, sobretudo no que tange a falarmos de desejos e de quem já pegou quem ou ficou com quem, por exemplo. As referências ao sexo apareceram inúmeras vezes nas conversas informais das quais tomei parte. Participei de várias conversas do tipo ou apenas as ouvi. Mas também é preciso certa intimidade para que esses assuntos aflorem na presença do/a pesquisador/a, sem constrangimentos ou meias-palavras. Em várias conversas informais que tive com interlocutores/as, desejos sexuais eram

---

<sup>6</sup> Na entrevista que realizei com João em 2022, ele começou se apresentando como sendo um homem gay, historiador, defensor dos direitos humanos, militante de vários movimentos sociais e ambientalista. João é um dos líderes quilombolas do Cumbe. Antes de conhecê-lo pessoalmente eu estava ansioso por isso, afinal, desde o início de nossas conversas, em 2021, se não me engano, nosso contato tinha sido apenas virtual.

manifestados, casos de infidelidade conjugal contados e preferências e aventuras sexuais, de si e dos outros, comentadas.

Foi numa dada situação que percebi, através de desenhos, a presença de adolescentes LGBTQ+ na comunidade. Os fatos narrados a seguir servem à reflexão central do artigo e a outras questões. No dia 30 de novembro de 2022, quando fui ao Cumbe pela segunda vez, peguei carona com Ronaldo e outras duas pessoas, do centro de Aracati ao Cumbe, que foram fazer uma oficina de ativismo com os/as jovens da comunidade. Essas duas pessoas ficaram lá até a festa do mangue daquele ano.

Na noite daquele dia houve uma roda de conversa para falar da proposta da oficina e para os facilitadores conhecerem os/as participantes. Entrei na onda da oficina sem saber bem o que era, mas nessa oficina aconteceram algumas coisas que me revelaram aspectos importantes do cotidiano do Cumbe. A presença LGBTQ+ me saltou aos olhos num dos momentos da oficina, quando os/as participantes pintaram coisas que os/as representavam. Uma dessas coisas foram duas bandeiras LGBTQ+, uma delas situada no canto direito superior da imagem a seguir:



Imagem 2 - Pinturas de jovens e crianças quilombolas que participaram da oficina (Ozaias Rodrigues, 2022).

Referências ao mangue, às árvores, à pesca, à bandeira da associação, do Brasil e outros elementos do território também apareceram nos desenhos. Em outro momento da oficina, que ocorreu no dia posterior à roda de conversa, fomos pintar uma parte do muro da casa de Branquinha. A roda de conversa e as pinturas serviram para identificar coisas importantes para os/as participantes, sendo que o que mais se destacou foram as referências

ao mangue e a partir dessas referências foi proposta uma pintura do muro que congregasse muitos dos elementos presentes nos desenhos. Na imagem anterior e na que vem a seguir, o colorido do arco-íris aparece representando a diversidade sexual e de gênero daquelas crianças e adolescentes, o que pode indicar que para elas há uma vinculação entre a afirmação dessa diversidade e sua relação com o território quilombola. A pintura final foi registrada na foto a seguir:



Imagem 3 - Muro de uma casa pintado por jovens e crianças da comunidade durante uma oficina (Ozaías Rodrigues, 2023).

No final do dia em que iniciamos a pintura, os/as jovens chegaram a pintar no asfalto a sigla LGBTQIA+ e aproveitei a ocasião para saber quem se identificava como tal. Alguns responderam timidamente na hora e outros/as me falaram ao ouvido. Fui perguntando quem se identificava com cada letra e as respostas me surpreenderam, pelo fato daqueles/as jovens terem informações atualizadas sobre o assunto. No entanto, só souberam me responder o que cada letra significava nas três primeiras letras - L, G, B. As outras eles/as não sabiam e eu fui informando o que significava cada letra. Mas na ocasião da pintura coletiva do muro outra coisa me chamou a atenção.

Os/as adolescentes e crianças que participaram desse momento, brincaram e xingaram uns aos outros várias vezes, sendo preciso chamar a atenção deles/as para que se concentrassem na pintura. As cenas de mangofa e ofensas pessoais se seguiram, bem como tentativas de pintar os rostos e corpos uns dos outros, até que a facilitadora da oficina resolveu intervir de forma mais enérgica na situação, que para ela estava saindo do controle.

Ela chamou todos/as que estavam presentes e deu um sermão, em tom professoral, sobre respeito e limites nas brincadeiras, pois todos/as ali faziam parte do mesmo território e na luta pelo território é preciso união. Feito o sermão, retomamos os trabalhos, mas os/as jovens ouviram a contragosto aquelas palavras.

A situação do sermão gerou depois, por parte de uma das jovens participantes, um comentário segredado a mim, em outra ocasião, nos seguintes termos: “Não gostei daquela mulher; ela é chata”. Naquele momento só ouvi a informação e acolhi o desconforto da jovem. Já em outra ocasião, essa divergência irreduzível de pontos de vista sobre o que seria saudável nas brincadeiras, foi retomada por aquela mesma jovem, afirmando o mesmo desconforto de antes, mas estando convicta, inclusive em sua linguagem corporal, de que não havia feito nada de errado na ocasião. Assim como no dia da oficina ela estava com um braço cruzado e o outro erguido se apoiando neste, com uma postura de convicção ao falar do assunto. Dessa vez me manifestei, pois já tinha tido tempo para analisar a situação e tomar partido na mesma. Concordei com ela, rimos e encerramos o assunto.

Essa questão me lembrou perfeitamente uma situação na qual Vieira (2015) foi coadjuvante, chegando a intervir na situação, que ela julgava estar passando dos limites. Em sua discussão sobre a arte de ‘pirraçar’ entre quilombolas da Malhada (Caetitê - BA), ela narra um episódio no qual presenciou duas crianças zombando uma da outra, ao que se somaram empurrões e provocações mais agressivas:

As provocações foram ficando mais e mais agressivas e secundadas por empurrões e pontapés. Temi que as crianças se atacassem violentamente e, como não vi por perto nenhum outro adulto além de mim, achei que eu precisaria fazer alguma coisa. Para apaziguar aquela situação, pedi para que parassem de brigar e expliquei que eles eram amigos e, por isso, não deveriam ofender uns aos outros. Em tom professoral e toda cheia de razão, ainda completei dizendo que amigos não brigam. Não notei que Teresa observava à distância e sem preocupação o enfrentamento dos garotos. Quando se aproximou de nós para estender a roupa molhada na cerca, ela riu ao me ver excessivamente preocupada com as atitudes dos meninos e exclamou: - *Suzane é engraçada!* E voltou a lavar roupas (Vieira, 2015:95).

O paralelo entre a situação que Vieira (2015) narrou e a que presenciei é explícito, tanto que quando vi o sermão acontecendo e me atentei à reação corporal das crianças, diante daquele sermão dado por uma estranha, lembrei imediatamente do episódio de Vieira (2015). Nesse sentido, quando perguntei a opinião de Antônio Filho<sup>7</sup>, amigo pessoal e interlocutor, sobre o ocorrido, ele endossou a posição da facilitadora, dizendo que há momentos em que as crianças e jovens da comunidade exageram e que deveriam tomar mais cuidado nas

<sup>7</sup> Antônio Martins da Silva Filho, é natural do Cumbe, pai, professor de capoeira e membro da coordenação da associação quilombola.

brincadeiras. Mesmo assim, durante todo o ocorrido que ele presenciou, inclusive os insultos e xingamentos constantes, ele não fez absolutamente nada. Creio que se trate aqui de uma divergência entre o que se fala e o que se faz ou mais precisamente, mesmo não gostando do tom das brincadeiras, ele não achava necessário fazer alguma intervenção e penso que a atitude dele, diante da situação, nos revela mais do que aquilo que ele disse a mim.

A situação na qual o sermão foi dado por aquela “mulher chata” e outras experiências que tive na comunidade, indicam que parte da socialidade local se manifesta em comentários e ações debochados, críticos e mordazes, como várias vezes presenciei ou participei. Isso se aproxima daquilo que Vieira (2015) chamou de relações agonísticas, nas quais as provocações mútuas e xingamentos não constituem ofensas pessoais para quem ouve e nem para quem os pronuncia. O tom de brincadeira, de zombaria é algo recorrente nas conversas cotidianas e essas relações agonísticas, ou socialidade agonística (Vieira, 2015), estimulam precisamente o caráter lúdico dessas relações, evocam o caráter engraçado de certas situações ou de características das pessoas. É a versão da arte de pirraçar no Cumbe.

O fato de a mulher ser lida como chata, creio eu, se deve ao estranhamento que os/as jovens tiveram com aquela atitude de uma pessoa que não faz parte do cotidiano da comunidade e quis dizer o que aqueles/as jovens deveriam fazer dentro de sua comunidade - basicamente, com o tom professoral que Vieira (2015) comentou<sup>8</sup>. Nesse sentido, consegui com certa facilidade entender o aspecto da pirraça nas relações e me somar à ela durante as conversas. Isso explica, inclusive, a forma dinâmica de várias conversas que presenciei, nas quais se vai de um assunto muito sério a um assunto simplório, banal ou com conotação sexual em poucos segundos. Também percebi isso em reuniões da associação, nas quais questões sérias eram debatidas, com direito a críticas mútuas entre os presentes, mas um detalhe bobo rapidamente se transformava em motivo de riso e mangofa coletiva. Feitas estas considerações podemos voltar ao assunto principal do tópico.

Retomando o tema da diversidade de gênero e sexualidade, faço menção da monografia de Francisca Dandara Albuquerque (2022) acerca dos/as LGBTQ+ do Cumbe. Neste trabalho, a autora comenta sobre sua vivência como mulher travesti e preta e como isso

---

<sup>8</sup> A situação que presenciei é perfeitamente interpretada pelas palavras de Vieira (2015) quando a mesma percebeu o equívoco de sua atitude: “As crianças não me entenderam e foram brincar e foram brincar noutro lugar. Teresa percebeu que era eu que não havia entendido nada sobre a *pirraça* e, mais tarde, explicou melhor essa inclinação das crianças, tentando me tranquilizar: “*eles brigam, mas depois estão lambendo uns aos outros*”. Minha intervenção soava ridícula e completamente sem sentido. Mais tarde, compreendi que a *pirraça* era uma maneira de tratar os amigos [...]. Esses enfrentamentos com gestos e palavras não se opõem, de modo algum, à solicitude de amizade, como eu supunha equivocadamente. E, naquela ocasião, as crianças *pirraçavam* justamente porque eram amigos e, assim, poderiam xingar sem se ofender” (Vieira, 2015:95).

balizou sua escrita. Ela destaca em sua Introdução, que ao conversar com João, ele lhe disse “não haver um debate mais abrangente acerca das questões de diversidade no local, mesmo com a presença de um público LGBTQ+ marcante e atuante” (Albuquerque, 2022:12). A autora faz considerações sobre a necessidade da Geografia se reinventar como ciência, fala da existência de pessoas trans e travestis no Brasil e das atividades que desenvolveu/participou na comunidade, como encontros, entrevistas e aplicação de questionários. Dos resultados de sua pesquisa, Albuquerque (2022) escreve o seguinte:

Os resultados obtidos com as entrevistas foram bastante significativos, tendo em vista que, de acordo com elas e eles, a pesquisa contribuiu com o processo de resistência e aceitação dentro do Quilombo. Inicialmente foi colhida uma amostragem bastante significativa acerca das identificações, tendo como respostas: Trans, Queer, Cis, para identidade de gênero e Bissexual, Gay e Pansexual para sexualidade. Essas respostas são um tanto quanto simbólicas, tendo em vista as questões de invisibilidade e negação apresentadas anteriormente, que em determinados contextos, impediria tais afirmações.

[...] um dos entrevistados expôs uma questão necessária, que se dá ao fato de muitos ainda sentirem vergonha em assumirem sua sexualidade, seja pelo julgamento ou ainda pelos preconceitos silenciosos, como olhares e comentários internos. Mas reafirmou que a presença do coletivo tem contribuído com estes sujeitos, tanto para perceberem que não há problema em ser quem são, quanto saberem que serão acolhidos ao tomar tal decisão (Albuquerque, 2022:29).

A proposta de pesquisa da autora potencializou as discussões sobre diversidade de gênero e sexualidade entre jovens e adultos LGBTQ+ do Cumbe. O quilombo passa a ser visto como um lugar de acolhimento dessa população local. Vê-se que a afirmação enquanto LGBTQ+ se dá em ambientes e com pessoas específicas, pois há muito preconceito velado. Percebo a construção e manutenção do Coletivo LGBTQ+ do Cumbe como um processo de empoderamento coletivo (Berth, 2019:91), em torno da afirmação da diversidade de gênero e sexualidade. Antes do Coletivo esses/as jovens e adultos/as já tinham consciência de si, mas não tinham um ambiente onde suas sexualidades e gêneros pudessem ser afirmados e acolhidos, em conjunto.

O conceito de empoderamento, como apresentado por Joice Berth (2019), cabe bem a essa discussão no Cumbe e a forma como Albuquerque (2022) apresentou as falas dos/as interlocutores/as nos permite sugerir isso. Destaco que o empoderamento como é apresentado por Berth (2019) se baseia no feminismo negro e interseccional para repensar o poder (p. 18), pois é um instrumento de emancipação político-social. Dessa forma, foi preciso conscientização, muitas conversas e mobilização para que o Coletivo nascesse, afinal, os/as LGBTQs já estavam ali, vivendo suas vidas, mas não estavam organizados/as coletivamente. O

surgimento do Coletivo é um ato coletivo de autoafirmação, de se empoderar junto com o outro.

Empoderamento é sempre coletivo e processual. Empoderar quer dizer, entre outras coisas, ‘dar poder a alguém’ e esse poder é dado a alguém<sup>9</sup> ou construído lentamente por aqueles/as que sempre foram vistos/as sem poder, sob a ótica do defeito natural, da anormalidade social ou do distúrbio mental, como os LGBTs, por exemplo. O empoderamento LGBT+ vai na contramão da ausência de poder: se pauta na percepção de si, na autoafirmação e autovalorização. A percepção de si enquanto sujeitos marginalizados na sociedade, simplesmente por ser LGBT+, é um passo importante no empoderamento, pois sem autoconhecimento e percepção crítica da realidade não é possível afirmar a própria existência contra uma sociedade cisheterossexista.

Isso é precisamente o que os/as jovens e adultos quilombolas LGBTs do Cumbe estão fazendo. Não quero sugerir aqui que todos/as eles/as têm o mesmo nível de percepção crítica da realidade<sup>10</sup>, pois não têm, mas é justamente o caráter coletivo da afirmação do ser LGBT+ e quilombola que torna o empoderamento efetivo, libertador. Nesse sentido, uma outra questão que Albuquerque (2022) colocou aos/às interlocutores/as de sua pesquisa, foi a intersecção entre pertencimento étnico e de gênero e sexualidade. Os/as entrevistados/as percebem de forma positiva esse cruzamento identitário, no sentido do fortalecimento mútuo. Além disso,

A última questão foi: “Você considera que o Coletivo LGBTQ trouxe impactos para o Quilombo? Se sim, esses impactos foram positivos ou negativos”, e por unanimidade, afirmaram que sim, e que estes foram positivos (figura 11). Dentre os variados motivos, esta percepção de positividade da organização, se deu por exemplo, pela possibilidade de um ambiente seguro, onde tanto podem expor suas dores, inquietações e se colocarem como ativos nas propostas de atuação da luta, quanto em uma situação de discriminação, por exemplo, terem um aparato que esteja em defesa e em prol de uma resolução (Albuquerque, 2022:30-31).

As respostas a essa questão confirmam aquilo que Tia Simoa comentou sobre o acolhimento que LGBTs têm dentro da associação quilombola. As atividades que Albuquerque (2022) desenvolveu foram apoiadas pela diretoria da associação, visando o empoderamento dos/as jovens e adultos LGBT+. O Coletivo, portanto, é um espaço criado por e para LGBTs se sentirem acolhidos/as e seguros/as. Percebe-se também que o empoderamento quilombola reforça o empoderamento LGBT+. A fim de discutir outras

---

<sup>9</sup> Me baseio na definição proposta por Berth (2019:18).

<sup>10</sup> Exemplar nesse sentido são as tensões geracionais sobre as quais falarei adiante.

questões, gostaria a seguir, de compartilhar impressões sobre um evento do qual participei com esses/as mesmos/as jovens e adultos da comunidade.

### **Tensões geracionais, Coletivo LGBTQ+ e demandas coletivas**

Participar de eventos e conversas com esse grupo de jovens e adultos me possibilitou compreender aspectos importantes das relações entre eles/as. Entre os dias 19 e 21 de maio de 2023, participei da II Oficina preparatória para o I Encontro LGBTQIAP+ da Zona Costeira do Ceará. Durante esses três dias, tanto nas atividades da oficina quanto nas conversas informais, percebi que há uma tensão geracional entre LGBTQs jovens (adolescentes e jovens adultos até 30 anos) e LGBTQs adultos, que já passaram dos 35, pelo menos. Os LGBTQs mais adultos têm, no geral, uma noção ultrapassada e estática sobre as questões de identidade de gênero e sexualidade, enquanto os mais jovens possuem uma noção mais atualizada dessas questões e têm uma sensibilidade particular às mesmas, ou seja, quando percebem comentários problemáticos dos mais adultos, rapidamente os confrontam e um pequeno debate se instala sobre a questão.

Nesse sentido, há uma resistência dos mais adultos em atualizarem o próprio pensamento em relação às identidades de gênero e de sexualidade, seja fazendo pouco das discussões atuais ou simplesmente as ignorando, como se não precisassem se atualizar sobre as mesmas, tomando-as como supérfluas. Durante esse evento, essa atitude foi várias vezes rechaçada pelos/as mais jovens, no sentido de cobrar uma atualização dessas noções pelos adultos e de levar o debate atual a sério. Essa tensão geracional faz parte das relações entre a população LGBTQ+ do Cumbe, como várias vezes presenciei.

Retomo as palavras de Dandara, mas dessa vez, através de uma entrevista que me concedeu junto a Camylla. Ela conta como se iniciou o Coletivo LGBTQ+ do Cumbe:

Eu sou do NATERRA, do LECANTE, grupo de pesquisa, laboratório [da UECE]. No início de 2021, houve um trabalho de campo para realização de cartografia social de um dos bolsistas do laboratório. Nesse momento, foi o primeiro contato que eu tive com o Cumbe. No início de 2021, mais precisamente em janeiro. **Foi quando eu conheci o João, conversei com ele, que é um homem gay e ele comentou sobre isso, de que aqui no Cumbe não tinha essa perspectiva organizada, de um coletivo, de movimento, alguma coisa nesse sentido, que tivesse um nome. As LGBTQs já estavam aqui e essa também foi a impressão que eu tive, quando eu cheguei já notei as LGBTQs bem marcantes, um público bem marcante. Fui conversando com o João, dialogando com outras pessoas. Já em julho de 2021, eu vim pra um momento de lazer, mas ao mesmo tempo aproveitei a ocasião, dentro do turismo comunitário, para promover uma roda de conversa com as LGBTQs. Falei pro João, ‘tô indo pro turismo comunitário, mas vejo esse momento como uma oportunidade de fazer essa reunião, essa organização’.** O João topou, eu conversei com outras pessoas LGBTQs que também toparam e a gente teve esse primeiro encontro em julho de 2021. Foi lá onde eu

conheci a Camylla também, ela apareceu. Lá eu conheci a Dandina também; as travestis aqui do Cumbe (Diálogo realizado em: 04/12/2022).

Assim como eu, Dandara rapidamente percebeu a presença LGBTQ+ no Cumbe quando conheceu o território. Ela enfatiza a presença das meninas trans e descreve como articulou a criação do coletivo. É por isso que vejo a questão como um empoderamento pelo qual essa população está passando, com conversas entre eles/as sobre o assunto, com críticas e aprendizados mútuos. Essa organização do Coletivo, que foi apoiada pela diretoria da associação, ajudou também na construção de uma solidariedade entre os/as membros/as do grupo, bem como mostrou a necessidade de participar das atividades da associação para além das atividades relacionadas à temática do Coletivo. Além disso, Dandara comenta que:

Foi um espaço muito marcante, eu sou muito dessa vibe da simbologia. **Foi algo muito simbólico, muito marcante, porque na primeira vez, na história do quilombo ter essa perspectiva de se organizar enquanto movimento, enquanto coletivo. E reafirmando: esses corpos já estavam aqui, para que não pensem que a galera LGBTQ só teve visibilidade depois do coletivo. Não, a galera já tava aqui, já ia pras atividades, só não tinha essa perspectiva organizativa, de falar também, de poder ser ouvido e tal. O coletivo veio pra potencializar essa galera.** A gente se organizou e desde então vem promovendo várias atividades, como em novembro e dezembro de 2021, organizamos o primeiro seminário de extensão e monitoria do Cumbe, em parceria com o NATERRA e o [Instituto] Terramar. Nessa ocasião, **primeiro fizemos uma roda de conversa, que até foi a Camylla que facilitou a roda de conversa sobre a história LGBTQ, trajetória LGBTQ e a Nairobi junto, que é do Terramar.** Em dezembro a gente fez uma oficina de autodefesa. A gente pautou que dentro do seminário, que seria dividido entre novembro e dezembro, que ia ter uma programação bem grande. Então **a gente pautou que dentro da programação, tanto em novembro quanto em dezembro, houvessem momentos com o coletivo LGBTQ, porque são nesses espaços onde o coletivo pode se expandir** (Diálogo realizado em: 04/12/2022).

A visibilidade é um dos aspectos do empoderamento coletivo e essa autoafirmação é necessária para que se percebam enquanto indivíduos de direitos, com experiências a contar, expor suas demandas e inquietações. Criar o Coletivo foi uma nomeação desse empoderamento que está se construindo. A experiência de Dandara com movimentos sociais ajudou os/as LGBTQs do Cumbe a entenderem que suas existências são políticas, são mais do que os comentários maldosos podem definir, que têm desejos e subjetividades que precisam ser ouvidas, nomeadas. Por sua narrativa, entendemos que o Coletivo pretende ocupar os espaços possíveis, nos quais podem atuar e se colocar como LGBTQs e quilombolas. Camylla complementa o relato de Dandara da seguinte forma:

Sobre o coletivo, eu conheci a Dandara em 2021, eu não sou muito boa de datas. **Ela propôs uma roda de conversa e nesse dia eu tava sem nada pra fazer, então eu fui. A gente nunca teve um pé à frente sobre isso, aqui no Cumbe. Do pessoal que faz parte da comunidade [LGBT+] se juntar e fazer a luta. Não**

conversavam nem sobre isso. Eu pensei, ‘Ah, eu vou lá conhecer a Dandara’, na época eu não fazia muita parte da associação quilombola, não interagia muito. Fui lá conhecer. Tentei chamar a Dandina, mas o pessoal LGBT aqui do Cumbe, se entoca, parece que tem medo. Aí eu conheci todo mundo e propus na roda de conversa da gente ir além. A Dandara foi quem deu o primeiro passo e eu pensei ‘poxa, é isso que eu quero. É isso que nós precisamos’. Quando a Dandara não estiver aqui vai ter que continuar e eu vou tentar [fazer] valer a pena, porque era só eu na época, o pessoal da comunidade [LGBT] não participava. Eu como a única travesti dando a cara, tentando puxar a Dandina, foi mais isso. Foi muito legal. Foi aí que eu me interessei mais em participar da associação quilombola, das programações, das viagens, dos intercâmbios, das rodas de conversa... Eu me senti bem mais acolhida na associação depois disso. Eu espero ter mais oportunidades, de abrir mais a voz, porque a gente sabe o quanto é difícil pra nós dar a cara à tapa. Nós travestis estivemos na linha de frente e os gays afeminados, na frente da luta, durante muito tempo (Diálogo realizado em: 04/12/2022).

Por esse relato e pelo que percebo em campo, realmente nem todos/as LGBTs do Cumbe se afirmam como tal e nem se achegam ao Coletivo; não dão a cara à tapa. Camylla comenta que se expôs em algumas situações para falar de sua identidade trans e da população LGBT+ como um todo, ao tempo em que percebeu que muitos/as não se somaram à sua atitude. Ao mesmo tempo em que comenta que a proposta inicial do Coletivo não encontrou eco, ela afirma o pioneirismo das mulheres trans e dos gays afeminados na luta pelos direitos LGBTs e afirma que ainda não havia sido aventada a possibilidade de um Coletivo como este na comunidade. Foi um processo lento, essa mobilização para constituir o Coletivo. Camylla ainda comenta sobre a construção de sua identidade da seguinte forma:

**A Dandina foi a minha representação de uma travesti, que na época, eu sempre falo que antes eu não tinha uma representação de pessoas transgênero, de travesti. Então, pra mim, a única coisa que me representava na época era a arte drag queen. Só que eu me via como uma pessoa que não queria estar daquele jeito pra minha vida toda. Não queria que fosse momentâneo aquilo. A parte de ser drag queen, é que elas se montam e se desmontam e eu só me sentia representada por um lado, mas eu só conhecia aquilo. Aí eu sempre via a Dandina, o Jeferson [que destransicionou], que na época era Stephany, e eram as minhas únicas referências, que eu tinha. Inclusive, eu não conversava muito com elas, porque minha família me proibia de conversar com elas assim. Eu conheci o Gilsinho e ele faz parte, junto com o primo dele, o Netinho [José Freire] e... a gente não tem muito diálogo aqui no Cumbe. Que o Netinho e o Gilsinho são direito fora, a trabalho [e estudo]. A Dandina e o Jeferson é trabalhando. Então fica só eu aqui e o resto não se manifesta. ‘As outras conseguem o direito pela gente’, é tipo isso. Eu pensei ‘não cara, eu quero fazer mais, eu quero entrar nessa linha também’. Eu quero fazer alguma coisa, me mover e não ficar parada só olhando a luta das outras. Foi isso (Diálogo realizado em: 04/12/2022).**

Enquanto mulher travesti, Camylla teve dificuldades inerentes ao processo de transição, pois passou por silenciamentos por parte de familiares, mas foi precedida por duas mulheres trans na comunidade que serviram de referência para ela. Como ela afirmou, nem todos/as LGBTs se somam ao Coletivo ou fazem coro a essa temática na comunidade, pois preferem cuidar de suas demandas pessoais do que investir tempo e esforço em criar algo

coletivo que os represente. Alguns se afirmam, outros não. Ela deu a cara a tapa por ser uma das poucas LGBTs a falar do assunto e se posicionar, enquanto outros/as não politizam sua existência. São duas atitudes distintas e muito comuns entre LGBTs e no caso do Cumbe não é diferente.

Também perguntei a Dandara e Camylla sobre a criação da bandeira do Coletivo e Camylla fez uma fala contundente sobre as demandas de pessoas trans:

Camylla: Serve também pra quando tiver uma programação usar a bandeira, linda e bela, segurando, representando a gente, mas falta a gente fazer a mesma coisa com as outras bandeiras, como a bandeira trans. **A Dandara tá tentando fazer uma proposta pra gente fazer um encontro, uma parada, com todas as pessoas [LGBTs] dos territórios, pra gente se encontrar.** Pra janeiro ou fevereiro [de 2023]. Mas tem pouco tempo que a gente tem o coletivo. **A gente ainda tá caminhando, aos poucos e eu espero que nesse caminhar, a gente se fortaleça pra tentar conseguir coisas a mais.** Tipo assim, eu tava falando com as meninas sobre a questão da transição de gênero, que é muito difícil a questão financeira, que muitas meninas sofrem com o próprio corpo. E ainda tem o julgamento das pessoas. Muitas se automutilam, se matam e tals. Eu queria uma proposta do SUS para ajudar nisso. Eu espero um dia, quando o coletivo crescer bastante, conseguir fazer essa proposta. Se não dá num dia, a gente marca no outro. Até chegar um dia que vai dar certo. Também veio a pandemia e deixou complicado se juntar (Diálogo realizado em: 04/12/2022).

Em primeiro lugar, ela faz referência ao I Encontro LGBTQIAPN+ da Zona Costeira do Ceará, que ocorreu entre os dias 14 a 16 de julho de 2023, na comunidade dos Caetanos de Cima, localizada no município de Amontada/CE. Eu e alguns/mas jovens do Cumbe participamos do evento. A proposta de um evento que reunisse LGBTs de uma parte da zona costeira cearense realmente vingou. Em segundo lugar, Camylla aponta a necessidade de políticas públicas que atendam as pessoas trans em suas transições, sobretudo quando envolvem a disforia de gênero, algo que implica num sofrimento físico e psíquico considerável. Ela é otimista e acredita que o Coletivo pode crescer, conseguindo influenciar localmente as políticas na área da saúde, que venham a atender pessoas trans, por exemplo

Pela fala de Camylla vemos que a mesma pensa em questões maiores, que vão além do Cumbe, como a assistência do Sistema Único de Saúde (SUS) às pessoas trans. São muitos planos que Camylla concebe e a criação do Coletivo, bem como o I Encontro LGBTQIAPN+ da Zona Costeira do Ceará são etapas importantes na consecução desses objetivos. Sobre o I Encontro seguem as imagens quanto à programação do referido evento:



Imagem 4 – Capa da programação do evento (Ozaias Rodrigues, 2023).



Imagem 5 – Programação do evento (Ozaias Rodrigues, 2023).

Consultando meus diários de campo, consigo narrar, em detalhes, como foi a experiência nesse evento, mas farei isso em outra oportunidade. Por último, na entrevista perguntei a Camylla e Dandara sobre as suas expectativas em relação ao Coletivo. Elas assim responderam:

Camylla: Eu sou o tipo de pessoa que não gosta de criar expectativas. Eu sei que vai ser positivo, mas eu não sei como vai ser, mas eu espero algo muito bom para 2023. Uma nova era. Eu vou sair do Ensino Médio e vou focar mais e vai ser tudo.

Dandara: Eu tô na mesma vibe que a Camy, assim... eu tenho expectativas porque a gente vai tá em outro momento político, outra conjuntura. Lula já é presidente então, até mesmo pra conseguir verba do governo, pra transporte, pra que a galera venha... Então, minhas expectativas são essas, pensando também no que a Camylla falou. Pensar política pública. Se você tem um coletivo organizado e um governo, como estão vendendo aí, o Ceará três vezes mais forte, talvez a gente consiga, de alguma forma, implementar essa ajuda, pra questão da hormonização. Lá em Fortaleza a gente já tem uma ferramenta dessas, que é pública, é o Ser Trans, o ambulatório Ser Trans, que faz atendimentos voltados para a questão da hormonização. Por que não ter isso em Aracati? Até porque aqui tem um público LGBT muito forte. Uma galera muito organizada.

Camylla: E Aracati é muito mais acessível pra quem mora por perto, do que Fortaleza. Ir pra Fortaleza é mais difícil a gente ter acesso, tanto pelo transporte, quanto pela questão financeira e aí você não vai ter direito aos hormônios [por causa disso]? Vai ter muita luta, muita língua pra isso acontecer, porque a gente vai falar horrores (Diálogo realizado em: 04/12/2022).

A demanda por um ambulatório trans está posta, além da necessidade de uma maior visibilidade das demandas LGBTs na região de Aracati e adjacências. É preciso descentralizar as políticas de saúde que atendam a essa população, mas também vai ser preciso muita mobilização para que as expectativas de ambas se tornem realidade. Há mais informações que posso trazer sobre o assunto, sobretudo a partir de uma entrevista que fiz com João e Antônio Filho sobre a presença LGBT+ no Cumbe, no entanto, penso que o que foi colocado aqui serve para termos uma noção básica da questão nessa comunidade quilombola.

Por fim, comento brevemente algumas situações que mostram um tensionamento entre esses/as jovens quilombolas, quanto às suas sexualidades e gêneros e outras pessoas da comunidade, bem como de familiares. Certa vez, uma interlocutora próxima a mim comentou sobre sua bissexualidade e de como isso produzia uma tensão entre ela e sua mãe, pelo fato desta não aceitar bem “essa história de bissexual”, digamos assim. Ela comentou que já tentou dialogar com a mãe sobre o assunto, mas que só recebe reações negativas da mesma quando tenta esse diálogo. A mãe dessa interlocutora é uma das minhas companhias preferidas quando estou no Cumbe e ter ouvido isso da filha dela me deixou surpreso, de forma negativa, claro.

Uma outra jovem, me confessou na ocasião daquela oficina, em que o clímax foi a pintura no muro de uma casa, que se identificava como não-binária, apesar de performar uma estética feminina. Ela me disse que ainda não estava pronta para falar sobre isso com seus pais. Já em outra situação, na qual íamos, eu e a juventude quilombola LGBT+ a um evento, duas meninas relataram que tiveram sua bissexualidade questionada por moradores/as da comunidade, pois ao dizerem que iam para o evento foram perguntadas se eram LGBTs, ao passo que as mesmas se afirmaram bissexuais e receberam comentários de dúvida quanto a

isso. Aquele típico comentário bifóbico de quem acha que entende mais da sexualidade alheia do que a própria pessoa.

Finalmente, se tomarmos as palavras candentes e precisas de Tatiana Nascimento (2018) sobre a proposta de queerlombo/cuíerlombo, veremos que é possível uma aproximação teórica entre o que ela propõe e a vivência LGBTQ+ no Cumbe. Entre outras coisas, Nascimento (2018) defende que é necessário descolonizar a negritude, o quilombo e o sentido de quilombismo, pois dentro desses conceitos há muita diversidade de gênero e de sexualidade que, muitas vezes, são jogadas para debaixo do tapete. Portanto, é preciso falar de LGBTQs quilombolas, não só para enfatizar a presença dessa população nos territórios tradicionais, como também para desfazer concepções genéricas sobre esses mesmos territórios.

### **Considerações finais**

Penso ser necessário falar das relações de gênero e de sexualidade no Cumbe por três motivos. O primeiro: em minhas estadas em campo, sempre me aproximei mais, de forma espontânea, das mulheres da comunidade e elas de mim. Nesse sentido, as nossas conversas sempre tinham assuntos que explicitam seus lugares sociais de mãe, dona de casa, solteira, casada, mãe solo, artesã, marisqueira e etc. Há dramas que lhes são particulares e assim eu não poderia ignorar tudo o que me chegou nas conversas cotidianas com essas mulheres. Confesso, portanto, que ouvi mais as mulheres do que os homens, afinal eu sempre me senti mais confortável com elas; bem mais à vontade.

O segundo motivo: mesmo conhecendo os homens da comunidade, nossas conversas são sempre ao acaso, inconstantes e sem muito aprofundamento pessoal, o que impede uma certa proximidade de ambos os lados, embora eu tenha feito as minhas tentativas de aproximação e eles também, penso eu. Apenas um homem fugiu a esse padrão de pouca intimidade masculina, mas creio que nossa amizade se deu e se fortaleceu pelo fato de ambos sermos LGBTQs. Fora isso, o meu grau de intimidade com os homens da comunidade é parco ou não chega à qualidade da intimidade que tenho com as interlocutoras

Em terceiro lugar: como já havia comentado, o contexto social do Cumbe é permeado pela presença de jovens, crianças e adultos LGBTQ+ e é de muita importância que essa presença seja enfatizada e celebrada, pois ela é fruto de um empoderamento que essas pessoas construíram, organizaram. Nesse sentido, a liberdade de ser quilombola reforça a

liberdade em ser LGBT, algo que se aproxima do queerlombismo de Tatiana Nascimento (2018). Enfatizo assim, a necessidade de mais pesquisas que se debrucem sobre essas temáticas que contemplam a população LGBT+ quilombola pelo país afora; é preciso reescrever a história e etnografia dos quilombos a partir da presença dos corpos dissidentes do ponto de vista do gênero e da sexualidade.

Para concluir, a partir dos exemplos que Nascimento (2018) traz em seu texto, entendemos como é necessária a reinvenção das narrativas, do que é dito sobre certos grupos, comunidades ou coletivos. Assim, a discussão sobre diversidade de gênero e de sexualidade nas comunidades quilombolas do país deve se constituir como tema de pesquisa, para além dos conflitos socioambientais e da afirmação política das comunidades quilombolas. No contexto dos estudos sobre essas comunidades é sempre importante a pesquisa de campo etnográfica, a fim de complexificar a realidade dessas comunidades e mostrarmos o quão diversas elas são.

### Referências:

- ALBUQUERQUE, Francisca Dandara da Silva. 2022. *Territórios dissidentes: a experiência de raça, gênero e sexualidade na comunidade quilombola do Cumbe (Aracati/CE)*. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Geografia - Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza.
- BERTH, Joice. 2019. *Empoderamento. Feminismos Plurais*. Coordenação: Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen.
- MEAD, Margareth. *Macho e fêmea: um estudo dos sexos num mundo em transformação*. Tradução: Margarida Maria Moura. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1971.
- NASCIMENTO, Tatiana. 2018. *Da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra*. Disponível em: <https://blogueirasnegras.org/o-cuierlombo-da-palavra-y-da-palavra-queerlombo/>. Acesso em: 27/02/2024.
- PEIRANO, Mariza. *Etnografia não é método. Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.
- RODRIGUES, Ozaias da Silva. 2024. *“Possibilidade nos dias da destruição”: pandemia e a continuidade da vida entre remanescentes quilombolas do Cumbe – Aracati/CE*. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Amazonas. Manaus.
- VIEIRA, Suzane Alencar. 2015. *Resistência e Piçarra na Malhada: cosmopolíticas quilombolas no Alto Sertão de Caetité*. Tese – Doutorado. Programa de Pós-graduação em

Antropologia Social – Museu Nacional. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.